

A LAGRIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 17 de junho de 1900

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno (Barcellos) 480, (Provincias) 600

AGUAI AGUAI

O barcellense remediado, catholico, apostolico e romano, agradecido á empreza pia e christã do sr. Vieira Borges, á razão de 540 réis por mez. tem que considerar em particular haver outro barcellense irmão, que não se assenta nas cadeiras do theatro Popular e a custo toma logar nos bancos da *geral*, o qual d'agua muitas vezes só apanha a da chuva...

Melhor. Essa individualidade faminta, que o sr. Juiz ali manda em penca para a Cadeia, e que não pôde entrar em negocio com o sr. Borges, essa massa anonyma que se chama povo, mesmo quando lhe dão agua, bebe, coitado, «um licôr amarello que lhe manda o rapazio aldeão», segundo o expressar satyrico o sr. Figueiredo...

E para saber que a agua, em questão, traz consigo corpos adubosos, extranhos, saes ammoniacaes, o sr. Figueiredo não precisou analysal-a chimicamente, pois que, com os proprios olhos, viu os *gravochoes* aldeãos dejectar sacrilegamente nos abertos e provocantes buracos da tubagem que conduz a agua municipal.

Isto do serviço d'agua nos banhos e fontes publicas, tão proficientemente praticado pelos romanos, só merece as attentões raras dos espiritos cultos que, gostando do vinho, não dispensam tambem a agua.

Mas é que mesmo ha muito pretencioso culto, que é *curto* nas regras hygienicas e em vez de ler pela cartilha de Roma, prática e util, observa sómente os mandamentos do figurino de Paris.

Assim faz imperar a bota de polimento, faz triumphar o *peunte* sedoso no cotulo, esquecendo, como contraste, a agua do banho e do chá...

Ha por este mundo muito delambido, que prefere d'agua—a de Colonia, a de rosas como qualquer romantico de ha vinte annos.

O habitante de Barcellos ha muito que em correntes, não d'agua, mas de oratoria, tem bebido muito promettimento.

Pois que apesar da voz, austera, sensata, e sabedora, do sr. dr. dr. Luiz Novaes, n'um impulso patriotico, ter proclâmado os beneficios

d'uma farta distribuição d'agua, nomeadamente na parte da villa mais necessitada d'ella, isto em artigos apreciaveis, na «Folha da Manhã», a camara regeneradora, exceptuando o seu ultimo e incompleto trabalho, ficou «queda e muda e... junto d'um penedo, outro penedo.»



E parece que, agora, a progressista, em vez de tirar d'esta situação um desforço de intuitos *politicos*, colhe os louros do mesmo exito...

D'esta fórma, como Guimarães, com sé sem bispo, ponte sem rio e palacio sem rei, por igual Barcellos fica para a exploração dos sujeitos facetos a ser villa, com collegiada sem conegos, palacio sem duques, chafarizes e marcos fontenarios sem agua!

Nem agua e nem senso pratico, na escolha dos marcos fontenarios.

E como a terra não é policiada, além de não termos a boa sensação de ouvir cantar a agua n'elles, vemos-os mutilados pelo vandalismo, sem *bracos*, sem torneiras, miseraveis como pedintes remendados!

Como não bastasse essas acquisições, que vemos levantadas em ferro fundido, com florões, carantonhas, columnatas, no largo José Novaes, campos de S. José, da Feira, de D. Carlos e

Jardim, ainda á ultima hora, um architeito com pesadelos delineou um marco fontenario de pedra, desgracioso, abandalhado, pelintra, es-carneo de todo o visitante de Barcellos, que, ao vir da estação, se lhe depara na Pedra do Couto essa *mumia* de pedra, que o povo já appeli-da *pirolito*.

Se, apesar de inartístico, ao menos fosse commodo o *pirolito*, passaria despercebido á critica jucosa, mas, como a nossa primeira gravura indica, é pouco accessivel á pequenada que lhe está junta.

E' isto que vemos todos os dias; os humil-des chefes de familia da rua Nova de S. Bento e immediações, mandam geralmente os filhos, as creancinhas, á agua, e estas têm de trepar pelo marco acima, depois, como a nossa primei-ra gravura indica, abraçam-o e carregam no pistão, para que saia o liquido.



Muitas vezes temos reparado n'essa scena que ali fica... Esse conjuncto.

Como na Povoá de Varzim, e melhor, na Re-go, observamos uns marcos fontenarios anãos, baixos, seguros, d'alavanca de pressão, como o segundo desenho indica, quasi em to-das as esquinas de rua, cuja segurança e dura-bilidade está á prova das mais valentes, das mais tremendas e vandalicamente maleficas *bebedeiras*.

Ao nosso assignante e amigo Coelho Gon-çalves, do pelouro das aguas, a «Lagrima», bar-cellense, em nome dos seus redactores, em no-me, também, dos sequiosos, dos que não tem voto, pede a sua attenção para tão magno assumpto e

E. R. M.

Pequenas coisas

E' profundamente evidente que todas as coisas, todos os seres se prestam a diversas apreciações.

Um mediocre observador, tem, inclusivé n'u-ma terra de pouco movimento como a nossa, occasiões, epochas, em que o seu espirito de analyse tem um trabalho moderado, porém progressivo, do qual resultam curiosos estu-dos.

Senão vejamos,—abstrahindo-nos, é claro, de quaesquer pretensões de critica-observancia— um facto que de per si representa aos olhos do observador um facto assertivo, e é—o traje e os differentes individuos sociaes.

Ha bem poucos annos, a população de Barcellos, a nossa formosa villa, tinha uma despreocupação pelo vestuario que, se não tocava os limi-tes do desleixo, pelo menos abraçava os do inli-ferentismo um como que desprezo pela *toilette*.

Procurando um motivo, investigando uma causa, difficilmente se encontraria uma razão que justificasse esse principio, que importa ap-parentemente a falta de conveniencia, logo, por affinidade, a de moral.

E' grato ao nosso espirito ver um individuo correctamente vestido, sem aquelles ridiculos exaggeros de moda, que só podem traduzir uma influencia da sua imbecilidade, estereotypada n'esse inclassificavel peiantismo.

E' certo que nem todos podem ser dotados de elegancia natural que faz realçar e sobresahir o vestuario, é todavia incontestavel que o maior numero das pessoas também não dispoem dos recursos pecuniarios que lhes permita a eseehla das fazendas e o apurado verniz do calçado, con-tudo, é facil ter-se em vista o asseio e uma re-lativa corrección.

Exemplifiquemos. Temos em Barcellos duas classes numerosas que são, a dos empregados sub-ternos no fóro e a dos artistas.

D'antes,—e não vae isso tão longe—essas duas entidades collectivas tinham os seus fatos do-mingueiros; porem, era patente que pouca im-potancia mereciam, a não ser para a distincção de um dia de semana para outro de festa.

¿E hoje?

E' vel-os, em dia do Senhor, limpos, apurados collarinhos muito brancos, facto escovados, im-pondo-nos uma como que revelação de prazer e proporcionado gosto.

¿Como se operou esta evolução? ¿Como é que por phases tão insensíveis se effectua esta transição? ¿Quaes os agentes de tão poderosa in-fluencia que assim modifica em velho costume, altera um habito, implautado novas leis?

Em primeiro logar, um resto de vivificante amor-proprio nativo; em segundo, o espirito de imitação que alcança todas as classes sem distincções hierarchicas; e, finalmente o tercei-

ro e ultimo o progresso, auxiliar primario sem o qual seriam prejudicadas as duas primeiras causas.

Aprendiz.

Na occasião do eclipse, um recruta explicava este *phenomeno*, a um seu camarada assás perplexo, da seguinte maneira:

— Isto que tu estás a ver é um bocado de noite que appareceu de dia, e se esta noite por estas horas tu estiveres a pé, hás-de ver apparecer um bocado de dia no meio da noite».

E depois, segundo nos informam, n'essa noite o parvajola não pregou olho, só a ver se apparecia o dia no meio da noite.

Corpo de Deus

Procissão apparatusa onde se conjugam todos os elementos para lhe dar realce.

Anginhos com as cabelleiras frizadas, rostos encantadores de bonecas vaidosamente infantis nos seus trages lentejoulados.

Opas encarnadas, verdes e brancas, n'uma confusão de côres que estonteiam.

Padres envergando paramentos em que sobresahe o ouro e o veludo. Alfaias, cruzes, emblemas, tudo alinhado, tudo festivo.

Casacas, togas austeras; o encarnado vivo dos militares e o verde accentuado dos bombeiros; uma mescla indizível e palpitante.

Afóra isto, ou antes isto: S. Jorge e o seu estado maior, carro das hervas, boi bento, tudo n'uma profusão de laços irrequietos e alacritantes.

Centenares de creanças, encadernadas, firmes, no seu posto de honra, representando a instrucção não descurada.

«Mas... e os Gigantones e os Cabezudos?»

Ninguem os *cocou*. Isso sim. Dizia-se que o sr. prior não deixou que figurassem e com razão. Consta-nos, particularmente, que s. ex.^{as} expostas ao sol durante o dia apanharam um calor monumental.

Não digam nada que isto é segredo.

Mas houve outro motivo que nos pareceu o verdadeiro.

Ora ahí vac, mas com a devida reserva.

Foram os proprios gigantones que tenazmente se negaram a ir, allegando que lhes era sobremaneira desagradavel a companhia dos «burros e do respectivo boi bento».

Quando isto soubemos, um dos nossos redactores partiu immediatamente entrevistar s. ex.^{as} com louvavel fim de os dissuadir d'esse proposito, fazendo-lhes ver que aquillo era um costume antigo que não importava caracter anti-religioso, que na Hespanha no, tempo dos Philipes tambem se usava; emfim, com um cabaz de argumentos capazes de convencerem uma *pessoa viva*.

Cumprimentamos s. ex.^{as} e mandando-nos sentar, com aquella sua proverbial lhaneza, escutaram-nos com verdadeiro interesse.

Em uma palavra, tudo o que expozemos foi em vão; a logica cerrada da nossa argumentação perfeitamente inane.

Respondeu-nos então a Gigantona, senhora muito desenvolta, que tinha sido uma combinação com o sr. padre prior, á qual não queriam faltar, todavia, para nos ser agradavel, disse-nos que ia mandar um dos Cabezudos com a missão de alterar o contracto se a isso accedesse a segunda parte contractante.

Durante este espaço de tempo fomos apresentados ao sr. Manoel Leite, que tambem ali se achava com as mesmas nossas disposições.

Passada meia hora, entrou no salão o menino Cabezudo, cantando o «Chora a videirinha», calcando um callo ao sr. Gigantão e dizendo que o sr. prior não consentia em mudar de opinião.

N'esta altura, nós immensamente consternados, offerecemos alguns *biscoitos* aos Cabezudos que estavam escamados como uma barata por por não irem na procissão.

Retiramo'-nos compungidos.

Ora eis tal qual o que se passou, o que nos apressamos a relatar aos nossos leitores, pedindo-lhes que não nos comprometam.

A sr.^a *peligrina* Marques viu-se em pancas em Roma.

Estava hospedada n'uma casa de comes e bebes e pediu, á meza, que lhe dessem ovos.

Os creados viram-se e desejaram-se para a comprehender e estiveram para chamar o lingua do Praina, para elle traduzir para italiano as palavras da nossa beatissima patricia.

— «Ovos! Ovos!», dizia ella.

D'ahi a pouco um dos creados, trouxe-lhe a traducção d'ovos—uma malga de agua d'unto.

Depois d'este *equivoco*, equivooco que a sr.^a Marques comeu, no dia seguinte a mesma barcellense pediu palitos, fazendo gestos bem claros de que queria *escavichar* os dentes e d'ahi a instantes trouxeram-lhe não os palitos mas dous *biscoulos de trigo*.

Nem o dinheiro nos salva d'estes espetanços, quando somos ignorantes.

O illustrado correspondente da «Voz Publica» (mas não é o outro, porque tem ideias) deseja saber o que nos levou a declarar não sermos nós o representante d'aquelle jornal em Barcellos.

Creja o collega—quem quer que seja—que perfilhamos suas palavras, até agora publicadas, e applaudimos, por consequente, o aprumo superior da sua penna apurada n'um bem justificado orgulho de jornalista de luva branca,

A LAGRIMA

porém, o que nos levou a tal resolução, foi sómente nós não sermos, de *facto*, correspondente de tal diário.

E a proposito.

O illustrado correspondente, gentilmente escondido n'um domiño, não calcula os apuros em que nos vimos, rodeados pelas senhoras barcelenses... «E' elle! E' elle!».

Chegamos a parecer no meio d'ellas, Manuel Leite.

E em muitos casos era melhor sel-o, que parecel-o.

O collaborador Romen, do «Commercio», veio a Barcellos na quarta-feira ultima. Eis os factos mais notaveis da sua viagem de Lisboa a esta terra.

Muniu-se d'um chapéu novo na capital e n'uma carruagem da da C.^a Real um passageiro ao sair levou-l'ho, deixando um velho.

Ouviu do lugar em que assentado apregoar n'uma *gare* o «Pimpão», chamou o vendedor que, aproveitando-se do principio d'andamento do comboio, lhe impingiu aquelle bi-semanario de ha dous annos, ou melhor—velho como o chapéu...

Saindo de Lisboa ás 8 3/4 da terça-feira, esteve sem comer até ás 3 1/2 da tarde da quarta-feira immediata, hora a que o nosso collega ex.^{mo} abbade Paes fez servir um portuguezissimo jantar.

Em caminho d'aqui para as Carvalhas, perdeu um *bonet*.

N'esta mesma freguezia—em casa do ex.^o p.^o J. Rosa—manteve, como Romen que é, relações com uma Jullietta n'uma, que lhe foi destinada, porém fôra tanta a infelicidade, que o fizeram arranear do leito, quando ainda não tinha conciliado o somno para—ouvir o santo sacrificio da missa.

Com a lembrança de vir a Barcellos não tinha dormido na noite de terça-feira para quarta, em viagem não pregou olho, na seguinte noite não o deixaram dormir (que não era de esperar outra cousa do alucibrante genio de os revd.^{mos} abbades Paes e Rosa e do nosso turbulento e alegre feitio), em caminho para Lisboa, o nosso estimado hospede não pôde fechar as palpebras, tal o restólho que lhe fazem proximo uns estudantes.

Em Lisboa, caminho de casa, perdeu a chave do trinque e...

Viva o nosso amigo Romen.

Notas Diversas

O bombeiro Praina anda a descobrir o meio de substituir nos incendios o uso de escadas de lanços ou de ganchos, utilizando para isso, as proprias escadas dos predios incendiados, tendo-as.

* O Julio Vallongo tem ideias de accommodar ás bicycletas do seu estabelecimento o uso de burros, para vencerem de pressa grandes distancias.

* Hontem o commerciante Faria Azevedo affrinou que era uma tolice fazerem-se poços fundos, pois que, quanto mais fundos, mais difficil se torna tirar a agua que contemham, e que se precise.

* Na quinta-feira dizia um pobre pedinte, maneta de ambas as mãos, para outro com quem estava altercando: «olha que eu arranco-te as orelhas...»

* O Agostinho Saverino não acredita que a terra se mova, que tenha o movimento de translacção e rotação, pois o Porto fica-lhe sempre para o mesmo lado. Se o mundo andasse e com a rapidez que dizem, elle ficaria tonto da cabeça e quando chegasse a dar meia volta, o orbe, tinha de cair o Agostinho com encommendas o tudo, pelo ar acima... até á lua.

* Quem n'uma das noites do mez passado pudesse dominar com a vista a parte central d'esta villa, descobriria n'uns telhados ao fundo da rua Direita, dois vultos negros perdidos na escuridão da sombra; murmurando umas palavras intelligiveis, mas que perto se reconheciam ser:

—«Domingos... Domingos...»

Eram estas palavras acompanhadas d'um titillar que quem apurasse bem o ouvido, observaria ser o som de pequeninas pedras, arremessadas por alguém d'encontro a uma janella. Que fariam ali tão funebres vultos? Seriam espiritos vagueando na immensidade do infinito?

Os vultos em questão eram nada mais nada menos, que as creadas de dois negociantes d'esta villa, que tendo-se escapulado para ir ao theatro Popular, passar um bocado da noite, ao chegarem á porta de casa encontraram-na fechada, tendo de recorrer ao expediente de saltar quintaes e trepar muros, para chegarem ao quarto do empregado d'um dos estabelecimentos para lhe pedirem angustiadamente que as livrassem de taes apertos, abrindo-lhes a janella e introduzindo-as surrateiramente em casa.

Parece phantastico, mas é viridico.

* O episodio mais comico que se deu n'esta villa por occasião do eclipse, foi o nosso presado assignante Portella querer observar tão grande phenomeno por uma peneira.

Hoje o maior successo da Companhia
Baptista Machado

Fininho... ali á preta

38 n.^{os} de musica. 80 personagens.